

Apresentação

A revista GeoTextos publica seu primeiro número de 2010, com a edição deste volume seis, comemorando seis anos de existência, sempre mantendo sua periodicidade e buscando valorizar e divulgar a produção do conhecimento geográfico no Brasil e no exterior.

O texto de Jânio Santos, que abre a seção Artigos, é uma reflexão sobre o processo de reestruturação urbana de Salvador, no qual defende que a cidade, hoje, apresenta uma estrutura poli(multi)nucleada, com a “eclosão” de uma multiplicidade de centros e subcentros na metrópole sotopolitana. O autor apresenta resultados de suas pesquisas de doutorado, refletindo sobre o conceito de centralidade urbana e evidenciando que, em Salvador, a lógica da poli(multi)centralidade desenvolveu-se “sob uma estratificação social bastante desigual”. O texto seguinte, de Paulo Roberto Baqueiro Brandão, pretende elucidar os aspectos principais relativos à formação territorial do Oeste Baiano, através da aplicação dos métodos e procedimentos da Geografia Histórica, no período de 1827 a 1985, período no qual, segundo o autor, se consolidou a instauração do meio técnico na porção oeste do Estado, conhecida no passado como “Além São Francisco”. No terceiro artigo da seção, Diego Corrêa Maia e Ana Cláudia Nogueira Maia buscam refletir sobre a utilização de ditos populares como recurso didático-pedagógico para a Climatologia Escolar, apresentando uma metodologia para o sétimo ano do Ensino Fundamental II e objetivando, também, “contribuir para o entendimento e divulgação do conhecimento popular, como fonte de informação importante para a Geografia Escolar”.

Os quatro artigos seguintes têm em comum o objetivo de aprofundar a discussão teórico-conceitual e metodológica para uma abordagem cultural na Geografia e o fato de resultarem de pesquisas de doutorado de seus autores respectivos. Elizabeth Dezouart Cardoso faz uma análise do processo de “invenção” da Zona Sul carioca, que redundou, de acordo com suas pesquisas, na construção de um “novo modelo de segregação residencial” no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Rita Aparecida da Conceição Ribeiro, por sua vez, vai demonstrar que a afirmação da identidade *black* é um elemento fundamental na apropriação

do espaço do Quarteirão do *Soul*, em Belo Horizonte. Partindo da ideia de que as formas simbólicas são historicamente construídas e refletem relações sócio-espaciais determinadas, a autora busca traçar uma trajetória sócio-histórica da *black music*, analisando também “sua disseminação como produto da comunicação de massa, a incorporação do movimento no Brasil, e, mais especificamente, em Belo Horizonte, até o surgimento do Quarteirão do *Soul*, em 2004”. Já Alessandro Dozena relata em seu artigo as pesquisas de campo realizadas em dois bairros paulistanos, onde o samba se consolidou como “tradição”: A Bela Vista e o Parque Peruche, berços, respectivamente, das escolas de samba Vai-Vai e Unidos do Peruche. Para Dozena, as escolas de samba resultam “de uma rede emaranhada de relações sociais desenvolvidas historicamente” pelas comunidades locais, “onde o passado e o presente dialogam constantemente com a prática cotidiana da comunidade, promovendo novos vínculos e reafirmando antigos laços sociais”. Já Fernando Rosseto Gallego Campos quer evidenciar em seu texto as relações entre futebol e festejos populares na constituição dos espaços de representação do futebol amazonense. Com isso, o autor busca aprofundar teórica e empiricamente uma análise do futebol amador do Amazonas, que, segundo ele, “reúne diversas características pós-modernas, penetrando com enorme força a vida cotidiana dos habitantes da capital e do interior e contribuindo sobremaneira para construção da espacialidade local”.

No último texto da seção Artigos, Tânia Bittencourt Bloomfield quer compreender as relações existentes “entre as representações, os contextos domésticos e profissionais, que levaram alguns dos proprietários de carros que circulam em Curitiba, a escolherem combinações de letras e números que estão em suas placas”. É um estudo multidisciplinar, com ênfase em uma abordagem cultural e geográfica do tema proposto pela autora em sua dissertação de mestrado: o carro como lugar.

Na seção Perspectivas, Ana Fani Alessandri Carlos se propõe a pensar a “gestão democrática” da cidade como utopia. Questões importantes são levantadas pela autora, visando ao aprofundamento das ideias de direito à cidade e de cidadania no período contemporâneo. Para Carlos, “a luta pelo direito à cidade ocorre quando o direito à cidade já não mais existe, e, neste caminho, como uma necessidade de negar a fragmentação apon-

tando novas contradições. A questão central é como vão se ampliando, no mundo moderno, as novas contradições, e como a precariedade da vida e o esvaziamento do ato de morar vão provocando a crise e, com ela, denunciando e iluminando esse processo”.

Boa leitura!

Salvador, 3 de Junho de 2010

Angelo Serpa
Editor responsável